



LOUVOR AO GUARDIÃO DA CAMA: UMA ANÁLISE DO SALMO 91 À LUZ DA VENERAÇÃO À DIVINDADE PROTETORA BÉS

Mestrando Ruben Marcelino Bento da Silva¹

Resumo

O objetivo do artigo é (re)ler o Salmo 91 na perspectiva da veneração à divindade egípcia Bés pela família no Antigo Israel. Bés protegia o dormitório contra desgraças, associando-se à diversão, ao prazer sexual, às parturientes e às crianças recém-nascidas, conforme Erhard S. Gerstenberger e Alan W. Shorter. Inúmeros artefatos encontrados na Palestina demonstram a difusão de sua crença nas Idades do Bronze e do Ferro. Verifica-se isto, por exemplo, nas pesquisas de Othmar Keel sobre a iconografia do Antigo Oriente e de Ziony Zevit acerca das religiões do Antigo Israel. Bés é um anão de pernas arqueadas, com juba, aparência leonina, penachos e uma cauda ou um grande falo. Sua carranca afugentava espíritos do mal e seu poder revelava-se eficaz contra serpentes peçonhentas. O Salmo 91, que exalta YHWH, o deus de Israel na Bíblia judaica, como divindade protetora, constrói-se com motivos semelhantes aos relacionados com Bés. Para estabelecer uma correlação, aplicar-se-á metodologia histórico-crítica de exegese bíblica, orientada pelos dados obtidos nos autores citados e em outros pesquisadores da matéria. A proposta justifica-se por sua eventual contribuição ao entendimento da mentalidade popular do Antigo Israel a respeito da sexualidade e das forças benígnas ou malignas envolvidas nela. Um olhar sobre a superfície do texto bíblico delinea alguns detalhes preliminares: YHWH é associado a יְהוָה (91.1), talvez ligado etimologicamente a יְהוָה , “seios”, aludindo à amamentação e à natividade. A בְּצֵל שְׁדַי , “à sombra de *Shadday*”, justapõe-se a raiz לָיַן , “pernoitar”. Assegura-se proteção contra demônios malignos (91.5s, 10), como פְּחַד לַיְלָה , “o espanto da noite”, e contra animais perigosos (91.13). Descreve-se o vínculo entre o fiel e a divindade com linguagem de amor e sexo (91.14): אָהַבְתִּי , “amar”, e עָדָה , “penetrar”. Pergunta-se: O Salmo 91 testemunharia uma transposição das características da divindade familiar Bés para a divindade judaica YHWH?

Palavras-chave: parturientes; natividade; sexo; seios; YHWH.

¹ Aluno do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST, São Leopoldo, RS, com o auxílio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq. E-mail: rubenmarcelinobs@yahoo.com.br.



Abstract

The aim of this paper is to reread Psalm 91 from the perspective of the Egyptian deity Bes veneration by the family in Ancient Israel. Bes protected the dormitory against tragedies, joining in the fun, sexual pleasure, to pregnant women and newborn children, according to Erhard S. Gerstenberger and Alan W. Shorter. Numerous artifacts found in Palestine demonstrate its widespread belief in the Ages of Bronze and Iron. This was shown, for example, in surveys of Othmar Keel on the iconography of the Ancient East and Ziony Zevit about the religions of Ancient Israel. Bes is a bandy-legged dwarf, with a mane, lion appearance, feathers and tail or a large phallus. His frown drove away evil spirits and his power turned out to be effective against poisonous snakes. Psalm 91, which exalts YHWH, the god of Israel in the Jewish Bible, as a protective deity, builds up with reasons similar to those related Bes. To establish a correlation, it will apply historical-critical method of biblical exegesis, guided by data obtained from the aforementioned authors and other researchers in the field. The proposal is justified by its possible contribution in order to understand the popular mentality of Ancient Israel about sexuality and the benign or malignant forces involved in it. A look at the surface of the biblical text outlines some preliminary details: YHWH is associated with שָׁדַי (91.1), perhaps related etymologically to שָׁדַיִם , “breasts”, alluding to breast feeding and the nativity. To בְּצֵל שָׁדַי , “under the shadow of *Shadday*”, juxtaposed the root לַיְלָה , “overnight”. It ensures protection against evil demons (91.5s, 10), as פְּחַד לַיְלָה , “the fright of night”, and against dangerous animals (91.13). It describes the bond between the faithful and God with the language of love and sex (91.14): הֵשֵׁק , “love”, and $\text{נִדְעַ$, “penetrating”. Question is: Psalm 91 would witness a transposition of the characteristics of the family deity Bes for the Jewish god YHWH?

Key words: pregnant women; nativity; sex; breasts; YHWH.

INTRODUÇÃO

Este artigo pretende analisar brevemente o Salmo 91 à luz da veneração à divindade egípcia Bés no Antigo Israel. O conteúdo vem dividido em duas partes. Na primeira parte, apresentar-se-á um panorama da crença em Bés no Egito Antigo, especificamente no âmbito de cinco experiências humanas fundamentais: o sono, a saúde, o sexo, a gravidez (e o parto) e



a morte. Na segunda parte, tentar-se-á identificar atribuições próprias de Bés ligadas a essas experiências que estejam sendo usadas para descrever YHWH, o deus israelita, no Salmo 91.

O texto bíblico será examinado através de procedimentos da metodologia de exegese histórico-crítica: tradução, crítica textual, estruturação do conteúdo e estudo de vocabulário.

1 A divindade Bés no Egito Antigo

Proveniente do Sudão, Bés² foi introduzido no Egito durante o Médio Império (séculos XXI a XVIII A.E.C.³), precisamente no período da 12^a Dinastia (cerca de 1991 – 1786 A.E.C.).⁴ Sua origem estrangeira é denunciada pelo fato de ser mostrado sempre com o rosto completo, diferente dos outros deuses egípcios, geralmente representados de perfil.⁵ Supõe-se que, de início, teria sido um deus com cabeça⁶ ou forma de leão, já que, nas imagens com que foi retratado, conservava atributos físicos semelhantes aos desse animal: orelhas, juba, sobrolhos e cauda. Em certas versões de sua figura, esses elementos faziam parte de uma pele de leopardo ou de leão que o deus usava sobre o corpo.⁷

Na caracterização mais tradicional, Bés aparecia como um pigmeu ou anão de braços compridos e pernas arqueadas. Do rosto largo, envolvido por uma barba espessa e leonina, sobressaíam olhos enormes, às vezes meio tapados por sobranceiras grossas, um nariz achatado e músculos retorcidos devido a uma boca arreganhada com uma grande língua de fora.⁸ No alto da cabeça, podia ostentar um cocar de grandes plumas⁹ e, ocasionalmente,

² A grafia é tomada de SHORTER, Alan W. *Os deuses egípcios*. Tradução de Hugo Mader. São Paulo: Cultrix, [19--]. p. 35s. Em outros autores, o nome é grafado sem o acento tônico: “Bes”.

³ Para uma cronologia básica dos impérios e das dinastias egípcias, cf. BRIGHT, John. *História de Israel*. Tradução de Euclides Carneiro da Silva. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1980. p. 642-649; A BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição, revista. São Paulo: Paulus, 1985. p. 2331-2337. A.E.C.: Antes da Era Comum.

⁴ IONS, Verônica. *Egipto*. Tradução de Ricardo Alberty. Lisboa; São Paulo: Editorial Verbo, 1982. p. 108. De acordo com Geraldine Pinch, alguns estudiosos sugeriram que Bés viria da Mesopotâmia, uma vez que ele teria muito em comum com o demônio-leão mesopotâmico *La-Tarak*, o qual era invocado como um protetor contra a bruxaria. PINCH, Geraldine. *Magic in Ancient Egypt*. Oxford: British Museum, 1994. p. 44s.

⁵ BARNETT, Mary. *Gods and myths of the ancient world: The archaeology and mythology of ancient Egypt, ancient Greece and the romans*. London: Grange Books, 1997. p. 88.

⁶ IONS, 1982, p. 108.

⁷ SHORTER, [19--], p. 35. IONS, 1982, p. 110. Para descrever Bés, Herman Te Velde utiliza a expressão *lion-man*, “homem-leão”. TE VELDE, Herman. Bes. In: VAN DER TOORN, Karel; BECKING, Bob; VAN DER HORST, Pieter W. *Dictionary of deities and demons in the Bible*. 2nd extensively rev. ed. Leiden; Boston; Köln: Brill, 1998. p. 173.

⁸ IONS, 1982, p. 110.

⁹ SPALDING, Tassilo Orpheu. *Dicionário de mitologia*. São Paulo: Cultrix, [198-]. p. 33.



pequenos chifres na testa.¹⁰ Há representações em que o pequeno deus exibe um falo enorme e compõe cenários eróticos.¹¹ Sua consorte, Beset, vinha retratada como uma anã ou uma cobra. Geralmente, porém, Bés era considerado esposo de Taweret, a deusa do parto¹², uma mistura de hipopótamo com leoa e crocodilo.¹³

Quanto à sua função religiosa, fora um deus protetor da casa real. Por exemplo, em um relevo de calcário do templo da rainha Hatshepsut (1501 – 1480 A.E.C.) em *Deir el Bahari*, na margem ocidental do Nilo, região do Alto Egito, Bés e Taweret integram o elenco de deuses presentes ao nascimento do novo rei.¹⁴ Mais tarde, porém, tornar-se-ia uma das divindades mais difundidas entre a população, um verdadeiro guardião da família e portador da felicidade para os lares de todos os níveis da sociedade.¹⁵ Sua popularidade é comprovada pela imensa quantidade de objetos domésticos em cujos quais sua imagem estava gravada ou esculpida: amuletos¹⁶, espelhos, itens de higiene, potes de perfume, camas¹⁷, abajures¹⁸, entre outros. Havia cinco experiências humanas fundamentais às quais, ao longo da história do Egito Antigo, acreditou-se estender o deus-anão o seu poder protetor: o sono, a saúde, o sexo, a gravidez (e o parto) e a morte.

Bés protegia o quarto de dormir e aquilo que estava vinculado a ele.¹⁹ Cuidava, portanto, do sono²⁰, o que demonstram, por exemplo, descansos de cabeça adornados com a sua face da época do Novo Império (séculos XVI a XI A.E.C.) encontrados por arqueólogos. Pode-se dizer que Bés “aninhava” com a proteção divina a cabeça da pessoa em repouso.²¹ Nesse estado de vulnerabilidade, a magia do deus-anão mantinha afastados os perigos e as doenças provenientes de animais ou demônios malignos.²²

¹⁰ IONS, 1982, p. 110. Para alguns detalhes da descrição oferecida, cf. imagens em CHEERS, Gordon; OLDS, Margaret (ed.). *Mitologia: Mitos e lendas de todo o mundo*. Tradução de Maria Isaura Moraes. Casal do Marco, Seixal: Lisma, 2006. p. 285. IONS, 1982, p. 109. FIGURE of the God Bes. Collections: Egyptian, Classical, Ancient Near Eastern Art. *Brooklyn Museum*. Disponível em: <http://www.brooklynmuseum.org/opencollection/objects/4012/Figure_of_the_God_Bes>. Acesso em: 31 out. 2010.

¹¹ VAN DER TOORN; BECKING; VAN DER HORST, 1998, p. 173.

¹² BARNETT, 1997, p. 88.

¹³ SHORTER, [19--], p. 36.

¹⁴ KEEL, Othmar. *The symbolism of the biblical world: Ancient Near Eastern iconography and the book of Psalms*. Translated by Timothy J. Hallett. New York: The Seabury Press, 1978. p. 251.

¹⁵ IONS, 1982, p. 110.

¹⁶ SHORTER, [19--], p. 35.

¹⁷ BARNETT, 1997, p. 88.

¹⁸ JAMES, T. G. H.; RUSSMANN, Edna R. *Eternal Egypt: Masterworks of ancient art from the British Museum*. Berkeley: University of California Press; New York: American Federation of Arts, 2001. p. 163.

¹⁹ KOCH, Klaus. *Geschichte der ägyptischen Religion*. Stuttgart, 1993, p. 550 *apud* GERSTENBERGER, Erhard. *Teologias no Antigo Testamento: Pluralidade e sincretismo da fé em Deus no Antigo Testamento*. Tradução de Nelson Kilpp. São Leopoldo: Sinodal/CEBI, 2007. p. 70s.

²⁰ SPALDING, [198-], p. 33.

²¹ JAMES; RUSSMANN, 2001, p. 162s.

²² JAMES; RUSSMANN, 2001, p. 262.



O pequeno deus zelava por tudo que dissesse respeito à integridade corporal.²³ No complexo do templo da deusa Hátor (54 A.E.C. – 60 E.C.), em Dendera, à margem oriental do Nilo, no Alto Egito, um ambulatório ao redor do edifício do templo continha colunas com figuras em relevo de Bés.²⁴ No âmbito domiciliar, acreditava-se que podia proteger dos escorpiões²⁵ e manter as serpentes longe das casas.²⁶ Algumas vezes, inclusive, Bés era retratado estrangulando e devorando esses répteis perigosos.²⁷ A partir do século VII A.E.C.²⁸, já num tipo de representação em que personificava a multiplicidade de deuses, isto é, *Bes Pantheos*, com várias cabeças, quatro asas, quatro braços, corpo longilíneo recoberto de olhos (simbolizando a onisciência e a onipresença divina) e pênis ereto, ele é visto pisando uma cobra que morde a própria cauda.²⁹

Bés costumava estar presente onde pessoas entregavam-se ao amor sexual. No começo do século passado, escavações arqueológicas em Saqqara, sítio localizado no Baixo Egito, revelaram quatro quartos de uma casa rústica, ao longo de cujas paredes havia bancos de tijolos e representações de Bés. Imagina-se que esse local destinava-se a práticas sexuais.³⁰

O deus-anão costumava enfeitar as cabeceiras³¹ ou os pés das camas de casal.³² Uma taça de faiança³³ da época do Novo Império exibe a imagem de uma tocadora de alaúde ajoelhada sobre uma almofada, usando apenas um cinto em torno dos quadris e a coxa direita marcada com uma tatuagem de Bés, que simbolizava a sua profissão.³⁴ Para algumas mulheres, tatuar o corpo com imagens de Bés melhoraria a sua vida sexual ou fertilidade.³⁵

²³ SPALDING, [198-], p. 33.

²⁴ WILDUNG, Dietrich. *O Egito: Da pré-história aos romanos*. Tradução de Maria Filomena Duarte. Lisboa: Taschen, 1998. p. 214s.

²⁵ JAMES; RUSSMANN, 2001, p. 163.

²⁶ BARNETT, 1997, p. 88.

²⁷ SHORTER, [19-], p. 36.

²⁸ KEEL, Othmar. *Jahwe-Visionen und Siegelkunst: Eine neue Deutung der Majestaetschilderungen in Jes 6, Ez 1 und 10 und Sach 4*. Stuttgart: Verlag Katholisches Bibelwerk, 1977. p. 204, 270.

²⁹ STAUBLI, Thomas; SCHROER, Silvia. *Simbolismo do corpo na Bíblia*. Tradução de Paulo Ferreira Valério. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 142. Os autores extraem a imagem da obra mencionada na nota anterior (especificamente, da página 270), datando-a do 1º século A.E.C. Numa figura reproduzida na obra de Reinhard Kratz e Hermann Spieckermann, a cobra que o *Bes Pantheos* pisa enrola-se ao redor de outros animais, entre eles o escorpião. A cauda de falcão que o deus ostenta vincula-o a Hórus, o disco solar alado. As quatro asas, os joelhos em forma de cabeças de leão, as sandálias com aparência de chacais e os monstros capturados em suas muitas mãos são símbolos de soberania. KRATZ, Reinhard Gregor; SPIECKERMANN, Hermann. *Götterbilder, Gottesbilder, Weltbilder: Polytheismus und Monotheismus in der Welt der Antike*. 2., durchgesehene Auflage. Tübingen: Mohr Siebeck, 2009. Band 1. p. 15.

³⁰ MANNICHE, Lise. *A vida sexual no antigo Egito*. Tradução de Arno Vogel. Rio de Janeiro: Imago, 1990. p. 35.

³¹ IONS, 1982, p. 110.

³² SHORTER, [19-], p. 36.

³³ Louça de barro coberta com uma substância vitrificável. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Miniaurélio: O minidicionário da língua portuguesa*, p. 394.

³⁴ MANNICHE, 1990, p. 46s.

³⁵ PINCH, Geraldine. *Handbook of Egyptian Mythology*. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, 2002. p. 118.



Várias figuras de Bés podiam integrar cenas eróticas, sem mais pretensões, exceto favorecer a gravidez e o parto. Para proteger a mulher que estava dando à luz, ele dançava, cantava, tocava harpa, flauta e pandeiro, ou então brandia facas e espadas, a fim de afastar o mal.³⁶ Juntamente com ditos mágicos de exorcismo, as mães valiam-se de amuletos de Bés para expulsar maus espíritos e fantasmas que vinham durante a noite querendo arrebatá-los os bebês.³⁷ A careta do deus-anão contribuía eficazmente para afugentar essas forças da morte.³⁸

Finalmente, Bés passou a proteger e dar paz aos mortos. Na tumba de Tutancâmon (1347 – 1328 A.E.C.), por exemplo, encontrou-se um descanso de cabeça de marfim com a efígie do deus careteiro.³⁹

A veneração de Bés não ficou restrita ao Egito, mas difundiu-se por outras regiões do Antigo Oriente Próximo. Segundo Othmar Keel, Herman Te Velde, Erhard Gerstenberger e Ziony Zevit, inúmeros artefatos das Idades do Bronze Recente (1550 – 1150 A.E.C.) e do Ferro (1150 – 586 A.E.C.) encontrados na Palestina – óstracos, selos de sinetes, amuletos, jarros – comprovam que a crença em Bés estava bem estabelecida.⁴⁰ Pretende-se agora comentar sua presença na Palestina e tentar perceber prováveis vestígios de sua crença na religião do Antigo Israel. Tomar-se-á como objeto de estudo a Bíblia judaica⁴¹, da qual se extrairá como recorte para análise o Salmo 91. Parte-se da seguinte indagação: É possível que essa composição de louvor ao deus israelita YHWH⁴² tenha apropriado características de Bés vinculadas às cinco experiências humanas fundamentais que contavam com a proteção dessa pequena e serelepe divindade, a saber, o sono, a saúde, o sexo, a gravidez (e o parto) e a

³⁶ VAN DER TOORN; BECKING; VAN DER HORST, 1998, p. 173.

³⁷ JACQ, Christian. *As egípcias: Retratos de mulheres do Egito faraônico*. Tradução de Maria D. Alexandre. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 204.

³⁸ KOCH *apud* GERSTENBERGER, 2007, p. 71.

³⁹ HAWASS, Zahi. Tesouros esquecidos do Egito. *National Geographic Brasil*, São Paulo, ano 3, n. 33, jan. 2003. p. 34s.

⁴⁰ KEEL, 1977, p. 204. VAN DER TOORN; BECKING; VAN DER HORST, 1998, p. 173. GERSTENBERGER, 2007, p. 71s. ZEVIT, Ziony. *The religions of ancient Israel: A synthesis of parallaxic approaches*. London; New York: Continuum, 2001. p. 344. Para a datação das Idades do Bronze e do Ferro, cf. FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia não tinha razão*. Tradução de Tucá Magalhães. São Paulo: A Girafa Editora, 2003. p. 37.

⁴¹ A terminologia “Bíblia judaica” segue a orientação de Johan Konings, segundo o qual o conjunto canonizado de escritos considerados normativos pelo judaísmo formativo após o fim do Segundo Templo, em 70 E.C., não constituía a totalidade de documentos religiosos escritos em língua hebraica (o Pentateuco samaritano, o Isaías de Qumrã, o Sirácida hebraico, etc.), razão pela qual não se pode falar, ao menos, de um cânone hebraico. KONINGS, Johan. *Bíblia, Literatura, Cânone, Hermenêutica*. In: REIMER, Haroldo; SILVA, Valmor da. *Hermenêuticas bíblicas: Contribuições ao I Congresso Brasileiro de Pesquisa Bíblica*. São Leopoldo: Oikos; Goiânia: UCG, 2006. p. 79.

⁴² Optou-se por verter o tetragrama sagrado que representa o nome do deus israelita, יהוה, utilizando apenas as consoantes correspondentes no alfabeto latino, sem representação vocálica, haja vista o silêncio quanto à sua pronúncia decorrente da reverência do povo judeu. KELLY, Page H. *Hebraico bíblico: Uma gramática introdutória*. Tradução de Marie Ann Wangen Krahn. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 55s.



morte? O exame do texto seguirá alguns passos metodológicos da exegese histórico-crítica: tradução, crítica textual, estudo de vocabulário e estruturação do texto.

2 O Salmo 91 e a veneração à divindade Bés no Antigo Israel

Na Bíblia judaica, o nome “Bés” só aparece diretamente como elemento integrante de בֵּסַי (*besay*, talvez “meu Bés”), substantivo próprio que identifica o pai de alguns dos נְתִינִים (*n^o tînîm*, “servidores”) do templo de Jerusalém que constam na lista dos que voltaram da Babilônia à Palestina após o exílio (Esdras 2.49; Neemias 7.52).⁴³ Haveria referências indiretas a Bés nas Escrituras Sagradas dos judeus? O Salmo 91 parece ser um bom lugar para procurar. Por quê? Por causa da sua temática fundamental: YHWH é celebrado como uma divindade protetora. Isso o deus de Israel na Bíblia judaica e Bés têm em comum. Mas, no texto a ser apreciado, até onde pode ser estendida essa afinidade?

Em primeiro lugar, é necessário propor uma tradução do texto hebraico. Na versão apresentada a seguir, procurou-se, tanto quanto possível, respeitar a ordem original das palavras e comunicar, não conceitos abstratos estranhos à mentalidade semita, mas a dinâmica da corporalidade concreta que forjou essa composição poética.⁴⁴ As opções feitas em termos de crítica textual para estabelecer o texto com que se irá trabalhar, que envolvem somente alguns dos problemas entre os manuscritos e versões, são esclarecidas nas notas de rodapé.⁴⁵ A divisão dos versículos em dois hemistíquios (“a” e “b”) deve-se ao principal acento disjuntivo do Texto Hebraico Massorético, o *atnah*.

^{1a} Quem se sentar sob a cobertura⁴⁶ de ‘Elyôn⁴⁷

⁴³ VAN DER TOORN; BECKING; VAN DER HORST, 1998, p. 173.

⁴⁴ STAUBLI; SCHROER, 2003, p. 26.

⁴⁵ O Texto Hebraico Massorético e o aparato crítico que discute as variantes verificadas em outros textos hebraicos e versões encontram-se em ELLIGER, Karl; RUDOLPH, Wilhelm. *Biblia Hebraica Stuttgartensia*. Edição quarta emendata opera H. P. Rüger. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990. p. 1174. Os manuscritos que representam o Texto Massorético possuem um elevado padrão de uniformidade textual, resultado de um rígido sistema de preservação e transmissão adotado por escribas judeus na Idade Média conhecidos como massoretas. FRANCISCO, Edson de Faria. *Manual da Bíblia Hebraica: Introdução ao texto massorético*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2003. p. 131.

⁴⁶ Em *The New Brown, Driver, Briggs, Gesenius Hebrew and English Lexicon*, os significados básicos para קִוֵּי são *covering* (“cobertura”), *hiding-place* (“esconderijo”) e *secrecy* (“segredo”). Para a ocorrência do termo em Sl 91.1, especifica-se *hiding-place*. Todavia, levando-se em conta que, no mesmo dicionário, a raiz קִוֵּי é traduzida por *hide*, cujo sentido pode ser “encobrir”, e que também *covering* já foi arrolado como sentido válido para o substantivo hebraico, optou-se pela tradução em português “cobertura”. A razão disso é enfatizar a formulação construída com a palavra לָצַל, “sombra”. GESENIUS, William; BROWN, Francis; DRIVER, S. R.; BRIGGS, Charles A. *The New Brown, Driver, Briggs, Gesenius Hebrew and English Lexicon: Based on the lexicon of*



- 1b sob a sombra de *Shadday* pernoitará.
2a Direi⁴⁸ para YHWH: Meu abrigo e minha cidadela,
2b meu *'Ēlōah*. Apoiar-me-ei⁴⁹ nele.
3 Porque ele arrancar-te-á⁵⁰ da armadilha do passarinho, da pestilência destruidora⁵¹.
4a Com a sua penugem, tapar-te-á e, debaixo das suas asas, abrigar-te-ás.
4b (São) um escudo⁵² e um muro⁵³ a sua sustentação⁵⁴.
5a Não estremecerás⁵⁵ do espanto⁵⁶ da noite,

William Gesenius; Francis Brown; with the cooperation of S. R. Driver, Charles A. Briggs. Peabody: Hendrickson, 1979. p. 711s.

⁴⁷ Preferiu-se deixar sem tradução nomes ligados, no passado, a outras divindades (*'Elyôn, Shadday, 'Ēlōah*) e usados aqui em paralelo com YHWH. Mantê-los em sua forma original pretende sinalizar um fenômeno histórico-cultural de reunião de várias divindades em uma só. Para a transliteração dos termos adotada, cf. HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz A. T. Sayão e Carlos Osvaldo C. Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998. p. XII – XVII.

⁴⁸ Segundo o texto grego da Septuaginta (LXX), a forma verbal hebraica deve ser corrigida para יֹאמֵר, “ele dirá”. Entretanto, por tratar-se certamente de uma tentativa de harmonização com o sujeito do verbo לָיַן, “pernoitar”, que está na terceira pessoa do singular, optou-se por manter a leitura do Texto Hebraico Massorético. O termo “Septuaginta” e o numeral LXX (70) correspondem à primeira tradução da Bíblia judaica, feita para a língua grega por volta do século III A.E.C. em Alexandria, no Egito. FRANCISCO, 2003, p. 183.

⁴⁹ Luis Alonso Schökel destaca, em primeiro lugar, o aspecto físico descrito pela raiz verbal בָּטַח, “apoiar-se em algo”, do qual se deriva o sentido mais abstrato de “sentir-se seguro”. SCHÖKEL, Luis Alonso. *Dicionário bíblico hebraico-português*. Tradução de Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 1997. p. 97s.

⁵⁰ Em *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, fornecem-se para a raiz בָּצַל, no grau hifil, as seguintes acepções: *to tear from* (“rasgar de”); *to remove, withdraw* (“remover”); *to pull out* (“puxar para fora”, “arrancar”), *save* (“salvar”). KOHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Translated and edited under the supervision of M. E. J. Richardson. Leiden; New York; Köln: E. J. Brill, 1995. v. 2. p. 717.

⁵¹ No original de GESENIUS; BROWN; DRIVER; BRIGGS, 1979, p. 217, *destructive pestilence*. A tradução literal da expressão הַיּוֹג הַדֶּרֶךְ seria algo como “a peste das destruições”.

⁵² O vocábulo מָגֵן refere-se a um escudo grande, retangular, que cobria toda a parte da frente do corpo. Outra palavra, מִגְן, indicava um tipo de escudo redondo e menor, usado pela infantaria ligeira e por oficiais. HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, 1998, p. 279.

⁵³ Em *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, para סָחַרָה, é dada a acepção *wall* (“muro”), inclusive com referência a Sl 91.4. KOHLER; BAUMGARTNER, 1995, v. 2, p. 750. Embora R. D. Patterson traduza o substantivo סָחַרָה como “escudo pequeno”, o qual seria usado no combate corpo a corpo, apresenta, como alguns dos sentidos básicos para a raiz סָחַר, “circundar” e “rodear”. HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, 1998, p. 1307. Luis Alonso Schökel e Cecília Carniti dizem que a tradução de סָחַרָה é incerta, mas sugerem que se refira a “algo que rodeia”, especificando, como possibilidades, “escudo” e “muralha”. SCHÖKEL, Luis Alonso; CARNITI, Cecília. *Salmos II: Salmos 73-150*. Tradução de João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1998. p. 1159. A preferência pela tradução “muro” justifica-se ainda pela suposição de um paralelismo com o substantivo מְצֻדָה, “cidadela”, que aparece em 91.2a.

⁵⁴ No qal, o grau simples, a raiz verbal מָנַח comunica a ideia básica de sustento ou firmeza. De acordo com Charles L. Feinberg, ela é usada com o sentido de braços fortes que amparam uma criança necessitada. Desse significado fundamental, derivam-se as noções de certeza e verdade, pelas quais geralmente traduz-se o substantivo מָנַח. HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, 1998, p. 85-87.

⁵⁵ Uma das possibilidades para a etimologia de מָנַח arroladas por H. F. Fuhs deriva a palavra da raiz semítica *r'*, cujo significado fundamental seria *to tremble* (“estremecer”). BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer (Ed.). *Theological Dictionary of the Old Testament*. Translated by David E. Green. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1990. v. 6. p. 291. André Chouraqui traduz a forma verbal מָנַחָה por “estremecerás”. CHOURAQUI, André. *A Bíblia: Louvores (Salmos)*. Tradução de Paulo Neves. Rio de Janeiro: Imago, 1998. v. 2. p. 139.

⁵⁶ Em *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*, o substantivo מִדְּרָה recebe, como primeiras acepções, *trembling* (“trêmulo”), *dread* (“espanto”). KOHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Translated and edited under the supervision of M. E. J. Richardson. Leiden; New York; Köln: E. J. Brill, 1996. v. 3. p. 922. *The New Brown, Driver, Briggs, Gesenius Hebrew and English Lexicon* também fornece, como primeira opção de tradução, *dread*. O *Dicionário Hebraico-*



- 5b da flecha⁵⁷ (que) voa de dia,
6a da pestilência (que) anda na escuridão,
6b da epidemia⁵⁸ (que) arruína (ao) meio-dia.
7a Cairá do teu lado um milhar⁵⁹ e dez milhares do teu lado direito,
7b a ti não se achegará.
8a Somente com teus olhos observarás
8b e a retribuição dos malvados verás.
9a Porque tu (és) YHWH, meu abrigo.
9b (Em) ‘*Elyôn* puseste a tua morada⁶⁰.
10a Não sucederá contra ti o mal
10b e o flagelo⁶¹ não se ajuntará⁶² à tua tenda.
11a Porque os seus emissários instruirá quanto a ti,
11b para guardarem-te em todas as tuas pisadas.
12a Sobre as palmas das mãos carregar-te-ão,
12b para que não batas⁶³ teu pé em uma pedra.
13a Sobre o leão e a serpente peçonhenta⁶⁴ pisarás,

Português & Aramaico-Português traz: tremor, pavor, susto, temor, medo, terror. KIRST, Nelson et. alii. *Dicionário hebraico-português e aramaico-português*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 1988. p. 193. Andrew Bowling esclarece que תָּרַס pode referir-se tanto a uma forte sensação de medo ou pavor como à fonte externa que provoca o pavor. HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, 1998, p. 1209. A fim de ressaltar o aspecto físico comunicado pela palavra hebraica, optou-se por vertê-la através do vocábulo “espanto”. Essa opção de tradução é também observada em SCHÖKEL; CARNITI, 1998, p. 1157, 1164. A expressão תָּרַס לַיְלִי poderia fazer alusão ao sintoma decorrente do ataque de um demônio noturno, talvez לִילִית (*Lilith*), nome relacionado ao substantivo לַיְלִי (“noite”) por etimologia popular. HUTTER, M. Lilith. In: VAN DER TOORN; BECKING; VAN DER HORST, 1998, p. 520.

⁵⁷ Os substantivos קֶיֶל (“flecha”), דִּבְרָה (“pestilência”) e עֲדָת (“epidemia”) designavam, na origem, divindades, símbolos vinculados a elas ou demônios relacionados à doença, à guerra e à morte. Na Bíblia judaica, há a tendência de fazer desaparecer a divindade ou o demônio e apenas referir-se aos fenômenos naturais associados. KILPP, Nelson. Os poderes demoníacos no Antigo Testamento. *Estudos bíblicos*, Petrópolis, n. 74, 2002. p. 28s.

⁵⁸ SCHÖKEL, 1997, p. 578. Quando relacionado etimologicamente com ocorrências da raiz na literatura targúmica e no árabe, o substantivo עֲדָת tem recebido o significado de “aquilo que é cortado”. Contudo, geralmente lhe tem sido dado o sentido básico de “destruição”. As traduções por “peste”, “pestilência”, “epidemia” apóiam-se no uso em paralelo com outros substantivos como דִּבְרָה e חֲפוֹרָה (este último, “febre”; cf. Deuteronômio 32.24). WYATT, N. Qeteb. In: VAN DER TOORN; BECKING; VAN DER HORST, 1998, p. 673. GESENIUS; BROWN; DRIVER; BRIGGS, 1979, p. 881.

⁵⁹ O numeral אַלְפָּיִם (“mil”, “milhar”) designa uma unidade, razão pela qual a forma verbal hebraica encontra-se no singular. A concordância é feita com o grupo e não com os indivíduos que o compõem. Com relação ao sujeito דְּעֵשָׂר מֵאָוֹת (“dez mil”), ocorre zeugma da forma verbal.

⁶⁰ O texto grego da LXX lê καταφυγήν σου , que traduz o hebraico מְעוֹן , “teu refúgio”. A palavra מְעוֹן indica lugares de refúgio naturais ou feitos pelo homem (p. ex., uma fortaleza na montanha). HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, 1998, p. 1089. Embora o substantivo que aparece no Texto Hebraico Massorético, מְעוֹן , seja usado para descrever ruínas abandonadas que passaram a ser ocupadas por animais selvagens, é também empregado várias vezes para designar o templo de Jerusalém como morada de YHWH (p.ex. 2Crônicas 36.14s; Salmo 26.8). HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, 1998, p. 1092. Não há maiores razões para optar pela leitura da Septuaginta, que pode representar uma correção, dada a ambiguidade de sentido de מְעוֹן , ou uma tentativa de harmonização com os substantivos מְעוֹן (“abrigo”) e מְצוּדָה (“cidadela”) em 91.2a.

⁶¹ De acordo com Leonard J. Coppes, o substantivo $\text{מַגֵּל$ designa o golpe físico com que um suserano castigava um vassalo. Sugere também a punição infligida pela divindade. Em Levítico 13s, refere-se a doenças contagiosas. HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, 1998, p. 918. A tradução “flagelo” justifica-se por tratar-se de uma palavra que possui tanto o sentido de “tortura” como de “enfermidade”.

⁶² A raiz רָבַח indica a posição mais próxima e íntima do objeto. HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, 1998, p. 1367. Pode ter conotação sexual. SCHÖKEL; CARNITI, 1998, p. 590.

⁶³ A raiz נָגַח (“bater”, “golpear”, “ferir”) é um sinônimo para נָגַע (“tocar”, “ferir”, “lesar”), de onde provém o substantivo נִגְעָה (“golpe”, “lesão”, “flagelo”) que aparece em 91.10b.



- 13b pisotearás o leãozinho e a cobra grande⁶⁵.
14a Porque em mim prendeu-se fortemente⁶⁶ e eu trá-lo-ei para fora do perigo⁶⁷.
14b Pô-lo-ei em um lugar alto⁶⁸ porque penetrou⁶⁹ o meu nome.
15a Clamará a mim e responder-lhe-ei; no aperto, eu mesmo (estarei) com ele,
15b retirá-lo-ei e fá-lo-ei vultoso⁷⁰.
16a (Com) prolongamento de dias fartá-lo-ei
16b e fá-lo-ei ver com minha largueza⁷¹.

O próximo passo será identificar no texto uma estrutura ou organização formal em que se percebam as suas diferentes partes. Depois, por razões de espaço, assinalar-se-ão apenas pontos específicos para a discussão. Propõe-se um esquema em três partes:

I – Declarações iniciais a respeito de YHWH como protetor (1-2)

I.1 – YHWH, o protetor do pernoite (1ab);

I.2 – Declarações do eu-lírico para YHWH protetor: abrigo, cidadela e apoio (2ab).

II – Declarações do eu-lírico para um interlocutor a respeito de YHWH protetor (3-13)

II.1 – Os instrumentos de YHWH protetor:

II.1.1 – A mão que arranca da calamidade (3);

II.1.2 – As asas protetoras (4a);

II.1.3 – A sustentação defensora (4b).

II.2 – As ameaças que YHWH protetor rechaçará:

II.2.1 – O espanto da noite (5a);

II.2.2 – A flecha (5b);

II.2.3 – As doenças (6ab);

⁶⁴ A tradução de תַּחַם por “serpente peçonhenta” ou “cobra venenosa” encontra-se em GESENIUS; BROWN; DRIVER; BRIGGS, 1979, p. 837 (*a venomous serpent*) e HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, 1998, p. 1252. Segundo SCHÖKEL; CARNITI, 1998, p. 1166, תַּחַם “[...] é nome genérico de ofídio venenoso”. Em KIRST, 1998, p. 202, oferecem-se “cobra” e “víbora”.

⁶⁵ O significado de תַּחַם é incerto. De acordo com Ronald F. Youngblood em HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, 1998, p. 1651, refere-se a qualquer grande réptil, aqui, a uma cobra grande especificamente.

⁶⁶ Em KOHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. *The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament*. Translated and edited under the supervision of M. E. J. Richardson. Leiden; New York; Köln: E. J. Brill, 1994. v. 1. p. 362, o primeiro sentido apresentado para אָהַבָה é *to be very attached to* (“estar fortemente preso a”). Em seguida, *to love somebody* (“amar alguém”).

⁶⁷ Em KOHLER; BAUMGARTNER, 1996, v. 3, p. 931, o primeiro sentido para o grau piel (ativo intensivo) de הוֹצֵאתָ é *to bring out* (“trazer para fora”), isto é, *to save* (“salvar”).

⁶⁸ O sentido do grau piel de הוֹצֵאתָ aqui é tornar seguro ou inacessível, proteger, defender. SCHÖKEL, 1997, p. 636.

⁶⁹ No comentário sobre a ocorrência de פָּנַח em Gênesis 4.1, André Chouraqui esclarece que essa raiz, cujo sentido é “conhecer por experiência concreta”, é usada com muita frequência para relações sexuais íntimas entre casais. Ressalta ainda: “O rigor do sentido concreto de ‘penetrar’, com a ambivalência desta expressão, parece mais próximo do hebraico do que o eufemismo ‘conhecer’, propagado em todas as traduções.” CHOURAQUI, André. *A Bíblia: No princípio* (Gênesis). Tradução de Carlito Azevedo. Rio de Janeiro: Imago, 1995. p. 66. No comentário ao Salmo 91, traduz, portanto, a forma verbal hebraica do mesmo modo. CHOURAQUI, 1998, v. 2, p. 141.

⁷⁰ O grau piel da raiz הוֹצֵאתָ traduz-se como “fazer pesado”, no sentido de “honrar”. Usa-se aqui o adjetivo “vultoso” por comunicar bem, ao mesmo tempo, as acepções literal (“volume”) e metafórica (“honra”) expressas pelo termo hebraico. O sujeito “vultoso”, portanto, é alguém honrado, distinto, importante. Para o piel, GESENIUS; BROWN; DRIVER; BRIGGS, 1979, p. 457, relacionam tanto *to make heavy* (“fazer pesado”) como *to honour* (“honrar”).

⁷¹ A tradução segue o sentido da raiz no árabe, “alargar”. HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, 1998, p. 680. Por isso, e a fim de compor um paralelo com 16a, verteu-se o substantivo הוֹצֵאתָ por “largueza”, isto é, liberalidade, generosidade. HARRIS; ARCHER JR.; WALTKE, 1998, p. 680.



IV Colóquio de História

*Abordagens Interdisciplinares sobre História da Sexualidade
de 16 a 19 de novembro de 2010 - UNICAP*

ERROR: undefined
OFFENDING COMMAND: f'

STACK: